

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JERRY SCHATZBERG – O PUZZLE DE UM CINEASTA
8 e 11 de Setembro de 2023

THE PANIC IN NEEDLE PARK / 1971
PÂNICO EM NEEDLE PARK

um filme de JERRY SCHATZBERG

Realização: Jerry Schatzberg *Argumento:* Joan Didion, John Gregory Dunne, a partir de um livro de James Mills (1966) *Fotografia:* Adam Holender *Montagem:* Evan A. Lottman *Direcção Artística:* Murray P. Stern *Cenografia:* Philip Smith *Guarda-roupa:* Jo Ynocencio *Caracterização:* Herman Buchman, Phil Naso *Interpretação:* Al Pacino (Bobby), Kitty Winn (Helen), Alan Vint (Hotch), Richard Bright (Hank), Kiel Martin (Chico), Michael McClanathan (Sonny), Warren Finnerty (Sammy), Marcia Jean Kurtz (Marcie), Raoul Julia (Marco), etc.

Produção: Gadd Productions Corp., Didion-Dunne (Estados Unidos, 1971) *Cópia:* DCP, cor, legendado electronicamente em português, 110 minutos *Estreia:* 21 de Maio de 1971, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Estreia comercial em Portugal:* 11 de Novembro de 1975 *Primeira exibição na Cinemateca:* 8 de Fevereiro de 2018 (“American Way of Life: Vidas em Crise”).

Com a presença de Jerry Schatzberg na sessão de dia 8

A sonoridade é boa, *Needle Park*. Em rigor não existe, mas estava no mapa dos anos 60 e 70 em Nova Iorque. Os nova-iorquinos sabem que era o nome pelo qual eram conhecidas a Sherman Square, junto à 72nd Street, a Amsterdam Avenue e a Broadway no Upper West Side de Manhattan, e a vizinha Verdi Square. Os espectadores do filme de Jerry Schatzberg são advertidos por um cartão inicial que a intersecção da Broadway e da 72nd Street, oficialmente chamada Sherman Square, “é”, para os viciados em heroína, Needle Park. O espaço de fruição pública da cidade, desde meados do século XIX, tornara-se, uns cem anos depois, local de tráfico e consumo de drogas duras, casa de traficantes e consumidores. É a casa da personagem de Al Pacino, no seu segundo papel no cinema, muito jovem e muito talentoso, de rosto muito liso, olhos muito expressivos, gestos muito contidos, muito cinematográfico, sim, cinematográfico. Bobby, que há-de cruzar-se com Helen (Kitty Winn) logo de início, é viciado em heroína. Ela sê-lo-á também. A história do pânico nesse Needle Park que é o deles, é a história de amor do casal aferroada pela heroína em todos os meandros escabrosos da sua exigência. *God help Bobby and Helen. They are in love in Needle Park*, resumia a frase impressa no cartaz de época.

A dureza implícita, as imagens explícitas, a violência delas, marcaram THE PANIC IN NEEDLE PARK, que em 1971 alinhou com STRAW DOGS de Sam Peckinpah, GET CARTER de Mike Hodges OU A CLOCKWORK ORANGE de Stanley Kubrick no feito da atribuição europeia de uma classificação “X” (para maiores de 18 anos) por razões não pornográficas. Baseado num romance de James Mills, inspira-se na peça publicada na revista *Life* em 1965, com texto de Mills e fotografias do fotojornalista Bill Eppridge, no contexto de um trabalho centrado na realidade americana do mundo da droga, retratando as vidas de dois viciados em heroína – John e Karen –, “Two Lives Lost to Heroin’: a Harrowing, Early Portrait of addicts”. O “ensaio visual” da *Life* é tido como um dos trabalhos mais polémicos da revista, mas também como um dos mais icónicos (é possível ver as imagens pesquisando “on line”). O poder de choque da realidade mostrada deu brado, revelando um casal de jovens viciados que se referiam a si mesmos como pessoas que se tornaram “animais num mundo que ninguém conhece”. Ficcionando realidade e

personagens, o filme ampliou-os meia dúzia de anos depois, construindo um retrato dessa “cidade desconhecida” à altura das personagens nela “soltas”.

Trata-se, pois, da Nova Iorque de Needle Park, onde o filme foi rodado. Aí e em Upper West Side, no Riverside Park, na East Village, no Staten Island Ferry e nos cenários verídicos de uma prisão e de um hospital da cidade. Uma cidade vibrante de tons afáveis, palco agreste da realidade que a “Nova Hollywood” curava de filmar, sob a direcção de um punhado de novos realizadores e tomando os rostos de uma nova geração de actores. Parêntesis para notar que o mesmo Warren Finnerty que aqui é filmado a injectar-se em grande plano fizera planos idênticos dez anos antes em *THE CONNECTION*, de Shirley Clarke (1961), que não poucos problemas conheceu com a censura. Menos “marginal” que Clarke, é Schatzberg quem, aqui, oferece a Al Pacino o seu primeiro papel protagonista no cinema, ainda que Jim Morrison, ele próprio, na altura a gravar *Waiting for the Sun*, tenha sido ponderado em primeira instância – consta dos registos de bastidores de *THE PANIC IN NEEDLE PARK*, que competiria para a Palma de Ouro de Cannes em 1971, onde Winn foi distinguida como melhor actriz (a Palma iria para *THE GO-BETWEEN* de Joseph Losey).

Vindo do Actors Studio e do teatro, Al Pacino era, no cinema, um ilustre desconhecido cujo currículo filmográfico se limitava a uma prestação secundária em *ME, NATALIE* (Fred Coe, 1969). *THE PANIC IN NEEDLE PARK* resultou em que não tardasse a ser uma das novas encarnações de Hollywood: Coppola notou-o e bateu-se por ele para o Michael Corleone de *THE GODFATHER* (1972); em 1973, os papéis em *SCARECROW*, também de Schatzberg, e em *SERPICO* de Sidney Lumet, “estabeleceram-no”. Atravessa o primeiro ao lado de Gene Hackman, agarrado à caixa branca com fita e laçarote vermelho do presente destinado ao filho desconhecido que a personagem não chega a ver, desmanchando-se na crise final, justamente quando “larga” a dita caixa. No segundo, encarna a figura verídica de Frank Serpico na verídica história da investigação do mundo corrupto da polícia de Nova Iorque nesses anos, tomando ao modelo a tenacidade camaleónica que lhe assenta bem. Sacrificial, a personagem do polícia honesto em *SERPICO* resultou numa das quatro nomeações de Al Pacino para um Óscar de melhor actor nos anos 70 (com *the GODFATHER PART II*, *DOG DAY AFTERNOON* de Lumet e *...AND JUSTICE FOR ALL* de Norman Jewison).

Em *THE PANIC IN NEEDLE PARK*, a malandrice, a doçura, a adição, a violência de Bobby participam da progressão narrativa da personagem – do filme –, coexistindo desde o início que o apresenta como um simpático pequeno criminoso, capaz de atenção ao outro e disponível para o amor, passe o roubo da expressão aos anos dois mil de Wong Kar-wai. A convivência, em cada uma das personagens, das suas várias facetas, presta-se ao retrato de uma realidade que não se representa a preto-e-branco e na qual há espaço para o sentido de humor, além da paleta de tons e apesar do inegável negrume, da crueza, que vai tomando conta do filme, onde a humanidade, a sensibilidade, das personagens é sempre salvaguardada. E em que simultaneamente participa o retrato da cidade, a Nova Iorque de Needle Park. O som dos freios subterrâneos do metropolitano que acompanha o genérico inicial com a imagem a negro é o primeiro traço, que desemboca na primeira imagem da rapariga, sofredora, em grande plano no meio dos vultos dos passageiros que atulham a carruagem. No fim, a sequência que volta a reunir o jovem casal, à saída de uma prisão devolve-os à cidade, juntos. Sobreviventes, independentemente do grau maior ou menor de crença no *happy ending*.